

geração de esperança

oportunidade na adversidade

Terminar os estudos, principalmente os superiores, já foi motivo de celebração. Hoje é o início das aflições. Para os jovens portugueses sair da formação escolar é enfrentar a dureza dos números: 42,5% de desemprego jovem. A crise económica abateu-se sobre eles sem misericórdia e com consequências ainda imprevisíveis. Não é de estranhar que a ansiedade seja hoje identificada como a emoção mais frequente nas sociedades ocidentais, efeito colateral da ausência generalizada de esperança. Num contexto pós-moderno – ou hiper-moderno como alguns julgam mais correto¹ – os resultados desta situação têm o potencial de serem desastrosos pois aumentam os problemas já existentes. Tal como definido por Jean-François Lyotard², o homem pós-moderno desconfia das metanarrativas, isto é, das explicações lineares da nossa existência capazes de nos conceder uma identidade e lugar no mundo. Para além disso somos portugueses, o que significa que nos caracteriza, segundo o filósofo José Gil³, um medo de existir, entranhado e incorporado na nossa própria maneira de ser. Assim, o jovem português está mergulhado num caldo cultural de características únicas. É-lhe inerente uma falta de esperança generalizada, com origens que vão bem mais além do que a atual crise económica: como típico pós-moderno, suspeita de todos os grupos de indivíduos que de alguma forma representam a autoridade instituída e que, pela liderança que lhes é inerente, poderiam gerar a mobilização, visão e a esperança que daí decorre. Esta desconfiança não se circunscreve apenas à classe política, descredibilizada há muito, mas a tudo aquilo que represente a autoridade no sentido mais amplo da palavra. Desde o professor da escola, às forças da ordem, aos representantes das instituições sociais e até aos próprios pais. Numa cultura onde as teorias da conspiração exercem uma atração desmedida, o jovem de hoje tenta ouvir para lá do que é dito, ver para lá do que lhe é apresentado, tentando descortinar o lado obscuro do exercício do poder, as suas fragilidades e mentiras, reconhecendo-as como “versões” de uma realidade que não é necessariamente verdadeira. Os próprios pais são encarados como uma geração vacilante, inconsistente mas principalmente acanhada na forma como exerceram a educação, presos entre o relativismo e a necessidade de valores concretos para lá daqueles já gastos e repetidos até à

exaustão como o respeito e tolerância pelo “Outro”, valores hoje tão opacos que sistematicamente são ultrapassados pelas necessidades de aquisição e posse de bens de consumo para ostentação e conforto. Ninguém estranhará esta falta de esperança generalizada entre a camada mais jovem da população. A realidade parece dar-lhes razão. Herdaram uma economia que se revelou insustentável não só em termos sociais como também ambientais. O planeta geme e as pessoas também. A coesão social encontra desafios cada vez maiores começando logo no casamento, instituição tão fragilizada devido à elevada percentagem de divórcio e que gera nos mais jovens a sensação de que o amor não existe verdadeiramente, apenas uma promessa vazia, calculista ou emotiva, e que se transforma, na maioria dos casos, em desilusão ou mesmo em pesadelo. Parece que nada existe de perene, concreto, confiável.

Numa cultura assim é natural que uma das maiores transformações ocorridas nas últimas décadas tenha sido a aquisição da *alienação* como valor positivo. Aquilo que era considerado um problema a combater, principalmente na linguagem marxista, é hoje um bem ativamente procurado: a capacidade de permanecer alienado. Estar alienado foi, até ao momento presente, um dos maiores ideais desta geração.

A capacidade de estar sempre em movimento, sempre em festa, sempre noutro lugar que não aquele onde se está efetivamente. Todavia, este ideal que se pode traduzir na expressão *work hard and party harder* é, agora, mais difícil de concretizar, por falta de recursos e por falta de trabalho. Sem capital excedente e sem acesso ao crédito, não mais se consegue encontrar o financiamento necessário para a vida frenética das gerações mais jovens. Tal situação é dramática pois implica sair da alienação através da qual se evitava pensar na sua *condição* (tal como Lyotard a definia) e encarar o rosto disforme e horripilante do desespero sem máscara e ornamentos. Não nos enganemos, contudo: a falta de esperança e o desespero que daí advém não é angústia por ausência de sentido na vida ou por falta de



metanarrativas, mas pelos simples *espaços vazios* ou pelos *tempos silenciosos* de quem não mais consegue prolongar uma “festa” que se pretendia interminável.

Não há, então, boas notícias? Não há esperança para esta geração? Há sim!

Dizia uma letra de um cantor⁴ em dia inspirado que *“Tudo aquilo que os meus olhos desejam não é seguro que seja o que eles vejam”*. Ora, o contrário é também verdade. Aquilo que desejamos evitar consegue ser, muitas vezes, aquilo de que precisamos. Toda a capacidade e vitalidade presentes nesta geração extraordinária de jovens – que parecia em estado de criogenia forçada pela prática do consumismo e de alienação compulsiva – parece agora estar prestes a ser libertada. Da mesma forma que o apóstolo Paulo enfatizou que o processo de tornar-se discípulo de Cristo implica necessariamente uma *metanoia*, isto é, uma conversão e mudança de mentalidade (Rom 12, 2), assim parece ser o resultado desta crise recente que proporciona oportunidades de mudanças todos os dias. Chegámos a um momento crucial da nossa história não só nacional como pessoal, acima de tudo porque temos uma oportunidade de revermos as nossas prioridades. O que vale realmente a pena na vida? Cristo afirmava que felizes seriam

aqueles que choravam porque eles serão consolados. O choro abre o nosso coração e a nossa mente para a possibilidade de mudança e para o que realmente importa. A felicidade é algo que não depende de bens adquiridos mas

de uma atitude interna que valoriza os pequenos gestos do quotidiano: amizades, o riso partilhado, a possibilidade de estender a mão em auxílio, o caminhar junto e o lutar por objetivos em comum abandonando este torpor que nos caracteriza já por demasiado tempo. Dizia Tolentino Mendonça que a fé desinstala-nos para vivermos na dependência de Deus. Significa isto que a esperança que a fé nos traz advém precisamente de uma metanarrativa – a do Evangelho – que nos confere identidade e um lugar no mundo independentemente das circunstâncias. Sabemos que, enquanto discípulos de Jesus que carregam a sua cruz e que fazem dele o depósito da nossa opressão e cansaço, fazemos parte de uma história coletiva bem mais importante que a nossa pequena história individual e que a nossa ação neste mundo não se mede pelos resultados imediatos mas pelo todo no qual agimos enquanto corpo de Cristo.

Não sei que dramas familiares e pessoais esta crise pode estar a provocar em cada jovem que lê estas linhas, mas sei que abraçar a fé implica sentir o que Paulo sentiu quando escreveu que *«a paz de Deus que excede todo o entendimento guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus»* (Fil 4, 7). A esperança que nos conduz é a de que fomos resgatados das trevas para a luz e que *«todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus»* (Rom 8, 28), lugar onde cada situação específica se transforma numa oportunidade para a manifestação de Cristo. A *metanoia* para a qual nos abrimos em certo momento das nossas vidas deve preparar-nos para abraçar a adversidade, abrindo o nosso coração à ação que Deus pretende há muito ter nas nossas e nas vidas de toda uma geração de jovens portugueses. Se o fizermos, alguma coisa mudará não só em nós como também nas atuais circunstâncias que nos envolvem. Foquemo-nos no essencial, na voz de Deus à nossa volta, e a esperança voltará a brotar dos nossos corações. A sociedade está ansiosamente à nossa espera.

Manuel Rainho
Obreiro do Grupo Bíblico Universitário

¹ Gilles Lipovetsky em *A Hiper-Modernidade* reformou o conceito mais usado de pós-modernidade.

² Lyotard, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Manchester: Manchester University Press, 1984, p. 24

³ Gil, José. *Portugal Hoje – O Medo de Existir*, Lisboa: Relógio d'água, 2004, p. 68

⁴ Pires, Jonatas. *“Um Beco sem Saída”. Tudo é Vaidade*. Flor Caveira, 2011